

**CONGRESSO INTERNACIONAL DE CONVERGÊNCIA -BARCELONA 2023-
QUE ÉTICA PARA A PRÁTICA PSICANALÍTICA NA ATUALIDADE?**

Efeitos subjetivos do ato analítico...

-Estela Durán- (E.F.B.A.)

Abstract: O tema com o qual este Congresso nos convoca, me leva a re-interrogar se os padecimentos atuais incidem na prática da psicanálise ou se a ética do ato, *função desejo do analista* mediante, pode se dar a ler na singularidade do caso.

Começarei por alguns destaques do seminário XV: *O ato analítico*¹.

Que o ato constitua um verdadeiro início implica um ato criador e isto seria o que “mostra a fecundidade do mito da criação” localizando um antes e um depois.

Goethe diz: “no princípio era a ação”-Fausto-; “No princípio era o Verbo” segundo a Bíblia; destaco a afirmação lacaniana com relação a que não há ato sem uma borda significante. De modo que um ato faz alusão a uma marca simbólica, também imaginária e com efeitos no real.

Lacan diz: “Que se diga fica esquecido por trás do que se diz em o que se ouve”², e, utilizando a leitura de Isidoro Vegh³, destaco: “que se diga fica esquecido” não especifica se é referido a quem fala ou a quem escuta. É de destacar que, neste enunciado, há tempos lógicos que se dão a ler em um movimento de antecipação e retroação. Faço-me eco do que ele afirma: “Efeitos de torsão do discurso,

¹ Jacques Lacan. Seminario XV. *El acto psicoanalítico. (O ato psicanalítico)* Tradução Silvia García Espil para circulação interna de Discurso Freudiano, doado à Escuela Freudiana de Buenos Aires, novembro 1983.

² Jacques Lacan. *L'Étourdit, (O atordoadito)* pág. 11, tradução: Nora S. Alonso, Revisão: Silvia Amigo e Víctor Junger, Publicado pela Escuela Freudiana de Buenos Aires e a Escuela de Psicoanálisis Sigmund Freud de Rosario.

³ Isidoro Vegh. *Lectura de L'Étourdit, (Leitura de O Atordoadito)* aula 2, pág. 27, Editorial Escuela Freudiana de Buenos Aires, Abril/2008.

antecipações e retroações, o primeiro enunciado antecipa uma conclusão que vale para o que segue”.⁴

A escrita nodal *R.S.I.* representa o sujeito neurótico, visto que cada registro, enodado borromeamente, faz limite ao outro, portanto, é factível intervir -desde cada um- produzindo efeitos nos outros.

Uma análise conduz para a operação de corte com a demanda do Outro e com seu *Fixierung* aos gozos parasitários, possibilitando a emergência subjetiva e o encontro com o desejo.

Pelos efeitos, no analisando, poderá ser lido *après coup* se houve ou não houve ato analítico.

Segundo Lacan a poesia de Rimbaud “À uma razão”⁵ é a fórmula do ato:

Um toque de teu dedo no tambor desencadeia todos os sons

e dá início a uma nova harmonía,

Um passo teu recruta novos homens,

E os põe em marcha.

Tua cabeça se vira: o novo amor!

Tua cabeça se volta, - o novo amor!

Será porque com cada giro de discurso (cada toque no tambor) algo novo emerge?

Em uma análise, um traço, uma interpretação ou uma intervenção eficaz, propiciaria um passo, metaforicamente: “um toque no tambor...um novo amor” implica um giro de discurso e isso iria produzindo um avanço subjetivo -uma relocalização- em cada giro de discurso, em cada sessão, no decorrer de cada cura.

Em um final de análise, seria esperável que emergisse um sujeito advertido do fantasma fundamental o que lhe tornaria possível estar atento a não derrapar diante da repetição dos mesmos gozos.

⁴ Isidoro Vegh, *Ibidem*, pág.26.

⁵ Arthur Rimbaud. *Iluminaciones.(Iluminações)* Buenos Aires: Distal, 2004, pág. 31.

Leitura que relaciono com o que Moustapha Safouan⁶ expressou com relação ao *ato analítico*: “o desejo se empresta a uma operação que é de reconhecimento”, reconhecê-lo implica resgatá-lo do extravio do fantasma, desfazer as certezas do aprisionamento no Outro, interpretação ou intervenção do analista necessárias para se encontrar com a *verdade do sujeito que diz do real de seu sintoma, expressa a angústia que o invade ou a inibição que o detém*.

Neste ponto, lembro a pergunta do mestre francês: “Onde está o sujeito?”⁷, o sujeito está em seus dizeres onde um significante o representa para o *saber inconsciente-outro* significante-(definição clássica). De maneira que ali encontramos e escutamos os *dizeres do sujeito* que podemos relacionar com o enunciado de *L'Étourdit* e a *leitura desdobrada anteriormente*. Lacan adiciona: é necessário encontrar o sujeito como um *objeto perdido*.

Para tal operação é fundamental a *função desejo do analista* e aqui destaco que não há *desejo do analista* sem um ato que o funde.

O *quefazer psicanalítico* implica profundamente o sujeito do inconsciente -*parl'votre*-, precisamente este sujeito - $\$$ - na psicanálise é *posto em ato*.

Alguns destaques do seminário do Ato analítico (aula VI- 17/1/1968) dão conta do mesmo como um *ato do qual partimos, que vem testemunhar de algo, que implica a dimensão do dizer, presente na experiência da análise e tem consequências*.

Na aula VIII (7/2/1968) Lacan afirma: “Mas sem dúvida lhes parecerá mais interessante - pelo menos o espero- ver despontar no fim deste discurso algo que devo dizer, é uma surpresa até para mim”.

⁶ Mostapha Safouan. *El acto analítico*. (O ato analítico) Transcrição das conferências ministradas nas Jornadas da Escuela Freudiana de Buenos Aires: “La ética y el acto analítico, hoy”, (A ética e o ato analítico, hoje) com tradução simultânea de Laura Lambert. Editadas por Homo Sapiens, Colección Clínica en los bordes, Rosario, Argentina, 1997.

⁷ Jacques Lacan. *Lacan oral*, El discurso de Baltimore, (*Lacan oral*, O discurso de Baltimore) pág. 175, Xavier Bóveda Ediciones, agosto 1983.

É verdade que, no campo do ato psicanalítico, o que produz o analisando é o psicanalista..."⁸.

E uma pergunta que surge do trabalho de escola, fazendo laço social, também nas diversas atividades das Comissões de Ligação, na Convergência, e apagada - cada vez - que interrogamos a nossa prática: *Como fazer transmissão disso?*

Pergunta que provoca minha reflexão e me convida a transmitir algo *de uma experiência analítica*.

Poderia se dizer que fui *parteira de um ato* que implicou um antes e um depois nesta paciente?

Voltando a minha proposição do início, que encontro coincidente com o título das conferências que Safouan deu em Buenos Aires -1997-: As incidências do ato analítico, hoje, se devem aos padecimentos atuais ou se atualizam os padecimentos de cada história por determinadas incidências? Que coincidência...com o título do VIII Congresso que hoje nos convoca e com a pergunta que surge em mim a partir dele ...nos re-interrogar é re-inventar, cada vez, a psicanálise e celebro que o façamos em Convergência!!! Aos 25 años de sua fundação!!

Considero que a ética que nos conduz -atualmente- para a prática analítica é convidar a colocar em palavras o padecimento de cada quem que nos consulta, instaurando a função *desejo do analista*, e dirigir cada cura lendo os efeitos subjetivos do ato analítico.

⁸ Jacques Lacan. Seminario XV. *El acto psicoanalítico. (O ato psicoanalítico) Ibidem*, pág.8.

